

Instantes Cruzados

Episódio 2

A força do fotojornalismo

Fotografia de Evandro Teixeira

Fotógrafa convidada: Márcia Foletto

Direção Sergio Bloch
Roteiro Betânia Furtado
Apresentação Milton Guran
Produção Ocean Films

MILTON GURAN, em primeiro plano, fala para câmera.

GURAN: A fotografia, primeira imagem técnica que surgiu, transformou o mundo. Hoje, que vivemos na civilização da imagem, é difícil pensar que há pouco mais de 150 anos, nada disso existia. No nosso programa nós selecionamos, para cada episódio, uma imagem emblemática da história do Brasil e convidamos um fotógrafo para se inspirar nela. Vamos juntos viver a magia da fotografia e do fazer fotográfico.

[Sala]

GURAN: É costume se dizer que a coisa mais parecida com a fotografia é a poesia. No programa de hoje, nós vamos começar com um único verso, que é: "Dois olhos não são bastante para captar o que se oculta no rápido florir de um gesto". É um verso de Carlos Drummond de Andrade, do poema "Diante das fotos de Evandro Teixeira". E para conversarmos sobre esse que é a lenda viva do fotojornalismo brasileiro, nós convidamos uma outra lenda viva que é Márcia Foletto. Márcia Foletto, formanda em jornalismo, há mais de 20 anos trabalhando como repórter fotográfica, ganhadora de vários prêmios, é uma fotógrafa de linha de frente. Está ali nas invasões, nas manifestações de rua, subindo o morro, é uma das nossas fotógrafas de guerra interna. Ao mesmo tempo, Márcia Foletto é a fotógrafa da sutileza, do detalhe e muita gente poderia dizer, do olhar feminino. Mãe e ao mesmo tempo fotógrafa e militante do fotojornalismo brasileiro.

Márcia, como é ser mulher no fotojornalismo brasileiro?

FOLETTTO: É difícil. É uma batalha que ainda dura. Eu tenho mais de quase 30 anos no fotojornalismo, mas eu ainda no dia-a-dia enfrento manifestações claras de

machismo e discriminação. Eu costumo brincar que eu trabalho numa borracharia. Onde os homens contam piadas machistas, os homens gritam, falam alto, e isso também se manifesta no preconceito e na dificuldade de se estabelecer nesse mercado. Eu não posso trazer o óbvio, eu tenho que ser muito boa. Eu tenho que fazer uma cobertura do morro, por exemplo, como você citou, dessa guerra urbana, eu tenho que ir e ter muita garra. Eu não posso deixar um furo, porque fui mulher.

GURAN: Você tem que trazer o furo.

FOLETTTO: É, então.

GURAN: Ô, Márcia, eu acho que desses 30 anos que você tem de fotojornalismo, durante pelo menos uns 20 você esbarrou com o Evandro dia sim e outro também né.

FOLETTTO: Sim, pois é, a minha história com o Evandro começa muito antes, quando eu tava na faculdade. Que eu sou lá do interior do Rio Grande do Sul, de Santa Maria e só chegava o Jornal do Brasil em um dia da semana. Toda segunda-feira ia comprar o Jornal do Brasil na banca.

GURAN: E lá estava o Evandro Teixeira brilhando.

FOLETTTO: Lá estava o Evandro Teixeira brilhando. Foi quando eu comecei a observar o trabalho de Evandro, e para mim era, é ainda, um mito.

GURAN: O que você acha que são as qualidades, as características de um repórter fotográfico em campo para produzir um bom material.

FOLETTTO: Você tem que pensar o seu trabalho. Para depois ir com a câmera fazer os cliques. Às vezes eu chego numa matéria ou uma cobertura de algum evento ou alguma coisa, e eu sou capaz de ficar 10 ou 15 minutos sem fazer uma foto, apenas observando.

GURAN: Você é uma fotógrafa que ganhou muitos prêmios. Eu to pensando em alguma das fotos premiadas. E tem uma que é exatamente isso que você ta falando. As crianças jogando damas e o policial com um AK-47, um fuzil, no meio. Aquele é o tipo de foto que demanda uma vivência. É desse tipo de foto que você ta falando.

FOLETTTO: É, exatamente.

GURAN: A gente não podia ver um pouco das suas fotos nesse iPad?

FOLETTTO: Claro, vamos ver.

GURAN: Esse aqui é uma espécie de portfólio, né?

FOLETTTO: É, eu reuni aqui umas imagens que foram importantes na minha carreira. Esse trabalho, "Os miseráveis", foi bastante premiado. Foi uma matéria que eu fiz pro Jornal Globo sobre as pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza.

GURAN: No estado do Rio.

FOLETTTO: No estado do Rio de Janeiro. Essa é a geladeira dessa família. Uma panela de pressão velha e algumas garrafas de água. Essa é a mesma família.

GURAN: Que bonito essa luz, essa composição.

FOLETTTO: E essa é a foto que ganhou o prêmio rede de Espanha.

GURAN: Tem uma dançarina na mochila da menina.

FOLETTTO: Eles fazer o dever de casa na cama onde dormem o pai e a mãe. Essa foto já é uma foto mais antiga. Chacina da candelária. Esse é o enterro de um dos meninos que foi assassinado. Esse é durante a operação Rio, em 1994, no morro Santa Marta. E essa crianças estavam voltando da escola e elas simplesmente imitaram o gesto dos adultos. E o mais curioso dessa foto é que ela circula até hoje na internet como se fosse atual.

GURAN: Vamos dar uma olhada nas fotos do nosso amigo Evandro. Nós vamos olhar com calma aqui. 50 anos de fotojornalismo. Isso é canudos. Canudos. A Rainha se ajeitando. Pois é, isso é típico do Evandro, meter uma máquina dentro da limosine da Rainha, como é que ele se meteu lá, ninguém sabe.

FOLETTTO: Olha que interessante isso, a mesma posição.

GURAN: O militar caído, o militar perseguindo o estudante caído.

FOLETTTO: Que foto belíssima.

GURAN: Isso é uma bomba de gás lacrimogêneo. É uma bomba que estourou aqui. Esse cara no segundo seguinte começou a correr. "Abaixo a ditadura, Povo no poder".

FOLETTTO: Que foto fantástica.

GURAN: Passeata dos 100 mil. Eu gosto muito dessa também. As mulheres na linha de frente, "Ditadura Assassina". Isso aqui, é o pano de fundo do nosso desafio e nós vamos a ele agora. Bom, nós selecionamos uma foto do Evandro e essa foto é para servir de referência para você produzir uma imagem que converse com ela. Então você vai ver a imagem agora e certamente vai ter uma surpresa porque não é outra senão essa clássica imagem. É uma imagem consagrada.

FOLETTTO: É, de fato. Não é o que eu esperava, mas adoro desafio.

[corredor]

FOLETTTO: Uma das fotos mais importantes talvez do Evandro e ela tem uma qualidade incrível. Incrível. Hoje em dia é difícil uma foto de uma manifestação ter essa imagem limpa, né. Porque hoje todo mundo carrega alguma coisa. Carrega uma bandeira, uma faixa. Nessa foto não, como ela só tem uma faixa, você vê o rosto das pessoas. Uma foto difícil de reproduzir assim, uma cena difícil de reproduzir hoje numa manifestação. Terei muitos dias mergulhando nessa imagem para tentar achar alguma coisa à altura.

[intervalo]

[casa de Evandro]

EVANDRO: Essa foto foi na grande passeata dos 100 mil, 68. Essa foto eu fiz da escadaria da Câmara dos Vereadores, onde o Vladimir estava falando para essa grande multidão e onde nós estávamos, eu estava, não ao lado dele, mas ali em cima.

FOLETTTO: Você estava acompanhando Vladimir Palmeira durante o dia.

EVANDRO: Acompanhando, é. A imprensa sabia que o Vladimir Palmeira nesse dia seria aqui preso ou morto. Não aconteceu nada com o Vladimir, não foi preso, não morreu, nada, e foi um dia glorioso porque não houve se quer uma pessoa presa, uma pessoa dispersando, nada. E eu vi essa faixa, dei detalhe na foto nessa faixa, "Abaixo a ditadura, Povo no Poder". Chegando na redação, essa foto - o Alberto Ribeiro tinha um olho fabuloso, nosso editor de fotografia. "Essa é a foto da primeira página!" aquela loucura toda, todo mundo eufórico. E a gente esqueceu que

os militares moravam na redação do JB, dois militares, permanentemente eles viviam ali, porque eles destruíram tudo. "Que p*rra é essa, cês tão pensando o que? Me dá isso aqui" e arrebatou a foto. "Seus filhos disso e daquilo" e rasgou a foto. "Não vai passar p*rra nenhuma, que isso aqui é um absurdo, não vou deixar publicar nada, não tem nada". Depois foi engraçado que eu esqueci a foto. Essa foto ficou esquecida no arquivo. Quando foi 2008, quando eu fiz meu primeiro livro de fotojornalismo, me indicaram a Elaine Fernandes que era uma designer formada nova talentosa. Trabalhando na foto ela se achou e achou o marido dela aqui, que na época não se conheciam. Ele arquiteto, ela estudante de design, depois se acharam e casaram aqui. Ai começou a história, vamos fazer um projeto para achar essas pessoas, tentar achar essas pessoas. De repente, menina, foi aparecendo gente, bombou. Tem pessoas importantes, cineastas, o Escorel tá aí. Olha aqui, essa foto é engraçada porque são os casais que não se conheciam na época.

FOLETTTO: Que se conheceram depois.

EVANDRO: Aqui está o Escorel, Ana Luiza Escorel que é a mulher dele aqui, são eles aqui.

FOLETTTO: Evandro, essa foto ano que vem faz 50 anos.

EVANDRO: Quando?

FOLETTTO: No ano que vem, 50 anos.

EVANDRO: É mesmo?

FOLETTTO: É mesmo.

EVANDRO: Pô, não faça isso, fala baixo pelo amor de Deus.

FOLETTTO: Você hoje, se fosse fazer, tivesse que fazer uma foto usando essa como referência, o que você faria.

EVANDRO: Nas passeatas hoje é impossível. Não sei. Não faz. Porque o que era impressionante, o que mais me impressiona nesse momento, naquele momento, era que veja só, um cara, um líder estudantil fala, olha a atenção que as pessoas dão.

FOLETTTO: As pessoas não estão conversando umas com as outras.

EVANDRO: E parado nessa atenção, acho que jamais.

[Escritório]

ALBERTO: A característica forte do ponto de vista ótico, da imagem, essa multidão, ela tem foco do primeiro plano até o fundo.

FOLETTTO: Isso é incrível né.

ALBERTO: E ela tem outra característica, que você consegue identificar as pessoas. Dificilmente, numa foto de multidão, a gente consegue identificar individualmente as pessoas. Daí foi feito o livro, 68 destinos - Passeata dos 100 mil. Esse é o recurso gráfico, colocar a pessoa em um quadrado, projetar para cá, numerar e você identifica depois. Na verdade é uma biografia sintética. Ó, a Giu.

FOLETTTO: O Caetano deve estar ali.

ALBERTO: O Caetano.

FOLETTTO: E deixa eu te perguntar, você trabalhou com o Evandro algumas, muitos anos.

ALBERTO: Fui estagiário. Depois fui colega, tive a honra de ser colega dele. E mais tarde, eu fui editor dele. Não por mérito meu, porque ele nunca quis ser editor. Então dá pra ver que ele é um cara inteligente, porque ser editor, você sabe como é né. Enfim, eu tive essa oportunidade de ver vários ângulos do Evandro. Hoje já dá pra dizer que o Evandro estaria entre os principais fotógrafos da história do Jornal do Brasil, porque ele trabalhou lá 50 anos e ele sempre se destacou. Bom, esse é o último livro né.

FOLETTTO: Todo em preto e branco, né.

ALBERTO: Todo em preto e branco, foi uma sábia decisão do Seu Evandro. Isso aqui era um evento, se não me engano, do Costa e Silva, General. Os militares estavam ali, então essa era a pauta. Vai ter um evento comemorativo com a presença dos militares. Indo em direção ao palanque, ele parou e viu essas libélulas aqui na ponta das armas. O jornal publicou na primeira página e botou o evento oficial uma foto de duas colunas, meio jornal. Claro que deu problema, na relação jornal e poder, né, os militares.

FOLETTTO: Uma ousadia, do Evandro e do Jornal do Brasil.

ALBERTO: Uma ousadia, é.

Outra foto bastante simbólica. Essa aqui em que ele omite a reunião, vai só nos símbolos do poder.

FOLETTTO: E o Evandro tinha um atrevimento para fazer essas fotos?

ALBERTO: Sim.

FOLETTTO: Ele não era um fotógrafo comportado.

ALBERTO: Nem inibido.

FOLETTTO: Nem inibido.

[Trabalho de Foletto]

FOLETTTO: Eu to editando um trabalho que a gente fez na Paraíba, na região de Campina Grande. A gente voltou um ano depois para ver como estavam as crianças com microcefalia, cujas mães tiveram Zyka, que estão chamando de Síndrome da Zyka. Então essas crianças não só tem microcefalia como também tem outros problemas neurológicos e algumas malformações. Então essas crianças estão fazendo um ano mais ou menos, um ano e alguns meses, então é uma doença um pouco nova que está sendo pesquisada e ninguém sabe ainda como vão ficar essas crianças e como essas crianças vão desenvolver. A gente realmente vive muitas histórias tocantes, algumas histórias de alegria e muitas histórias triste, às vezes no mesmo dia. Às vezes você sai para fazer uma matéria do bem, alegre, de manhã e de tarde você entra no drama profundo de alguém. Eu acho fundamental entrar nessas histórias assim, ficar feliz com as pessoas e ficar triste com as pessoas, eu acho que eu preciso disso para uma boa fotografia. Eu tenho que me envolver, eu tenho que ter essa empatia com as pessoas que eu fotografo, é fundamental.

[intervalo]

[passeata]

FOLETTTO: Esse não é exatamente meu equipamento de guerra, mas eu trouxe a 50mm, que é a lente que o Evandro fez a foto. Então a minha ideia é fazer a foto com a mesma lente que o Evandro usou. É a minha ideia. Bom, claro que eu trouxe outra lente, porque eu não consigo só ficar com uma. Mas eu to com equipamento de segurança aqui, uma máscara de gás e capacete.

A polícia passou e agora deu uma acalmada, mas deve estar

pegando fogo lá na Presidente Vargas. O fotógrafo tem um comichão no dedo, a gente não consegue ver as coisas acontecer sem se mexer, correr atrás e fica tenso se não ta fotografando.

É muito tempo que eu não fazia uma manifestação assim tão dura. Muito tiro, muito bomba, muita resistência também né. Impressionante. Eu lembrava sempre daquela foto do Evandro, do rapaz levando uma paulada e o rapaz no ar. O Evandro me contou que ele caiu e bateu a cabeça no meio fio e morreu né. Várias dessas cenas assim, das pessoas apanhando, correndo, me lembrava essa foto do Evandro. Uma reedição de de 68. Talvez.

[escritório Guran]

GURAN: E aí, Márcia, vamos lá, cadê a foto? Márcia, é uma belíssima foto, até pelo tipo de máscara que ele construiu, esse improvisado da camiseta, esse olhar é um olhar ao mesmo tempo sereno e perplexo. Tipo assim, eu estou aqui e agora. Vamos ver a foto do Evandro. Faz a ponte, como é que você passou disso para isso aqui?

FOLETTTO: Então, quase 50 anos separam essas duas fotos. Poderia ser filho de alguém dessa foto esse jovem. O que eu quis fazer com essa imagem é buscar uma reflexão. Aqui a gente tem um pouco de esperança, nessas pessoas que estavam lutando contra uma ditadura. E aqui você tem um jovem que vive hoje essa perplexidade diante desses acontecimentos, desses 50 anos de política.

GURAN: Ô, Márcia, você sabe que eu tava nessa manifestação, tinha 19 anos. Eu nunca imaginei que esse caminho fosse um caminho pro Brasil, muito pelo contrário. Aqui a gente sabia, tinha uma ditadura militar, a gente lutava por liberdades democráticas, o povo no poder. E 50 anos depois, olha o tipo de poder que a gente tem. Toda essa esperança se esfacelou, individualmente a gente está diante desse olhar puro, determinado, corajoso, mais um olhar de perplexidade. Olha, esse programa é uma caixinha de surpresas, a cada foto a gente tem uma invenção e eu acho que a mágica do programa inclusive está muito aí nessa possibilidade de surpreender. Você surpreendeu, meus cumprimentos, e muito obrigada.

FOLETTTO: Agradeço o convite.

GURAN: Então, Instantes Cruzados é isso, é a magia da fotografia. A cada episódio, um novo desafio.